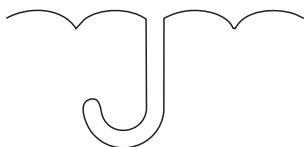




PRÓLOGO



Estalido... silvo...

— Ui, outra vez, não.

Impaciente, Serin deu uma pancada no rádio; estava farta de tentar convencê-lo a voltar a trabalhar.

Por milagre, a voz do meteorologista regressou aos altifalantes:

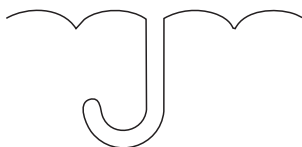
— Devido a uma frente de alta pressão sobre o Pacífico Norte, são esperados aguaceiros sobre a Península Coreana ao longo de toda a semana...

Serin ia deixando cair o pobre e velho rádio.

Finalmente, chegara. A estação das chuvas. E com ela a resposta às suas orações: o Mercado da Chuva.

▪ Capítulo 1 ▪

O ESTRANHO RUMOR



Algures longe da grande cidade havia um lugar chamado Vila Arco-Íris.

E algures na Vila Arco-Íris existia uma decrepita casa abandonada.

Corria o rumor de que se recebia um Bilhete misterioso caso se enviasse para essa casa uma carta sobre os nossos infortúnios. E se acaso se levasse esse Bilhete no primeiro dia da estação das chuvas, era possível mudar por completo a nossa vida.

— Não pode ser.

— É absolutamente ridículo.

De início, toda a gente encarou isso como uma fantasia. Mas, de alguma forma, a história espalhou-se como fogo descontrolado. E sempre que era contada, revelava-se cada vez mais elaborada.

No entanto, apesar de os pormenores variarem, todas as histórias apresentavam algo em comum: os Dokkaebi.

— Juro, vi-os com estes olhos que a terra há de comer.

As pessoas que alegavam ter visitado a casa insistiam que para lá da porta existia um mundo mágico secreto com seres que se chamavam a si próprios Dokkaebi: pessoas que pareciam humanas, mas que não o eram.

— Não me façam rir.

Naturalmente, não era fácil as pessoas acreditarem em tais histórias; porém, Serin não foi a única a querer saber mais. A maioria troçava quando ouvia falar desses tais Dokkaebi e dos seus Bilhetes, mas Serin parava o que fazia a fim de juntar mais pormenores sobre os rumores. Até requisitou na biblioteca da escola *Segredos do Mercado da Chuva*,

o que não fácil, dada a sua popularidade. Nesse dia, Serin nem almoçou e, finalmente na posse do precioso livro, correu para um recanto da biblioteca.



A própria capa era especial. Pela forma como mudou de cor quando Serin segurou o livro contra a luz, a editora não se poupou a despesas. Fitou a capa pelo que lhe pareceu uma eternidade. Havia uma citação empolgante: *Finalmente revelada a verdade por trás dos rumores!*, e mais importante, a palavra *BESTSELLER* estampada na capa. Serin detestava livros, mas não podia ignorar aquele. Percebeu que havia mais gente com a mesma opinião, pois o livro apresentava-se muito gasto, apesar de recém-publicado.

Hesitante e inspirando fundo, abriu o livro.

— Ui, a sério?

Na aba frontal da capa havia uma fotografia do autor. Sorria como um robô, e alguém desenhara óculos sobre os seus olhos e enegrecera-lhe os dentes com um marcador, revelando-se impossível ver como era na realidade.

O resto do livro não se apresentava melhor. Como é evidente, Serin deparou-se com rabiscos e até com números de telefone e endereços de *e-mail* que as pessoas anotaram à pressa. Podia até tolerar os sublinhados a lápis. Mas havia umas quantas páginas coladas com algo amarelo e pegajoso, e Serin esforçou-se imenso por não prestar atenção a isso. *Só me interessa a informação!*

Apesar de tudo, o livro agarrou-a desde as primeiras páginas. Na introdução, o autor escreveu sobre como acedera ao Mercado da Chuva. Explicou que em tempos perdera a esperança na vida e que passava o tempo a entrar e a sair da prisão.

Sentia-se tão triste como eu, pensou Serin.

Sempre que foi libertado da prisão, escreveu o autor, quis começar de novo. Mas como ninguém contratava uma pessoa com o passado dele, não tinha para onde ir e ficava desamparado.

Tudo mudou no dia em que pegou num jornal para consultar anúncios de emprego. Deu com as palavras *Fale-nos do seu infortúnio*, e com um

endereço. Nada tinha a perder. Verteu tudo o que sentia para o papel e enviou-o por correio. Para sua surpresa, obteve resposta: deparou-se com um Bilhete na caixa do correio, a par de um convite para ir a um mercado estranho.

Serin questionou-se se também poderia obter um Bilhete. Tentou comparar a sua vida com a do autor, mas era difícil perceber quem passara por pior.

Sem se aperceber, já ia a meio do livro. Ao longo dos capítulos, o autor descreveu os Dokkaebi que conheceu e as maravilhas do Mercado da Chuva. Até incluiu mapas, ao jeito de guia de viagem. No final, o autor contou como escolheu um futuro novo e feliz no Mercado e como essa vida se revelou feliz. Também sempre desejara ser um escritor de sucesso. E pouco depois de concluir o manuscrito de *Segredos do Mercado da Chuva*, assinou um contrato com uma grande editora. O resto era história. Mas apesar de se ter revelado prestável, tal informação não representava propriamente o que Serin procurava.

— É isto!

O apêndice tinha tudo o que desejava. Foi a principal razão para requisitar o livro. Voltou a página e viu uma lista de dicas para enviar uma boa carta, uma que pudesse ser escolhida. O escritor jurou ter falado com outros visitantes humanos para confirmar as dicas. Era uma coisa real.

— Onde pousei a caneta?

Serin pegou num pequeno bloco e copiou tudo o que o apêndice indicava para que a missiva fosse ser aceite.

Mais valia ser honesta do que embelezar em exagero. O autor alertou que, acreditando-se ou não, os Dokkaebi conseguiam interpretar os corações das pessoas, pelo que perceberiam se alguém mentisse. Referiu que os Dokkaebi dão mais importância à situação da pessoa do que ao seu talento para a escrita.

Mas tudo isto é realmente real?

No fim do apêndice, o autor escreveu que o Mercado da Chuva mudara a sua vida quando tudo parecia perdido, e que se alguém que lesse o seu livro sentisse o mesmo, nada teria a perder escrevendo aos Dokkaebi.



De volta à sala de aulas, Serin sentiu dificuldade em concentrar-se.

E não foi por o professor, que insistia em usar roupa *hanbok** moderna ao longo de todo o ano, ter um grande buraco junto à axila. Ou devido a parte do cabelo lhe cair para o lado, expondo-lhe a calvície.

Ela não parava de pensar no *livro*.

O quadro negro estava quase todo coberto a branco pelo giz, e o professor falava apaixonadamente sobre história — ou geografia, ela não percebeu bem —, projetando pingos grossos de saliva por todo o lado. Mas Serin só pensava no Mercado da Chuva.

Não pode ser real, disse a si mesma. Tinha de se concentrar na aula. Mas abanar a cabeça em nada a ajudou, apenas chamou a atenção do professor.

— Kim Serin, está a ouvir-me?

O professor olhava para ela. Serin arquejou.

— D-desculpe, senhor professor.

O professor franziu o sobrolho e puxou o cabelo de volta à cabeça, para então empurrar os óculos com armação de tartaruga nariz acima e prosseguir com a aula. Só que os paus de giz partiam-se, e ele irritou-se com o quadro, barafustando por já não fazerem coisas como antes.

Parecia que ele se dirigia a ela. Serin deixou tombar a cabeça, ruborizada.

Alguns colegas olharam na sua direção, mas ninguém tentou consolá-la. Já se habituara a isso.



Quando chegou a casa, Serin acendeu o candeeiro da secretária e, como era habitual, passou as estações de rádio até localizar o seu programa de música preferido.

O aparelho teria sido de um vermelho clássico brilhante, mas desbotara para o cor-de-rosa das luvas de borracha. Funcionara surpreendentemente bem durante bastante tempo. Só que, entretanto, a velha máquina exigia uma certa coragem da parte de Serin.

* Roupas tradicionais coreanas. (*N. do T.*)

— Porque continua a fazer fitas?

Mas ela tinha um bom motivo para não se desfazer do velho rádio maltratado: era a última coisa que lhe restava do pai.

Serin não se recordava dele. Sabia apenas que morrera de repente num acidente quando ela era pequena. A mãe tentara por diversas vezes livrar-se do rádio, mas Serin insistira em mantê-lo.

Era o seu único amigo. Um membro da família que preenchia o vazio do coração.

Às dez da noite, soou no rádio o tema de abertura do seu programa preferido.

— Boa noite. Bem-vindos ao episódio noturno de *A Caixa dos Sonhos*.

Serin adorava a voz suave e relaxante do locutor, e por norma ouvia com atenção o programa do princípio ao fim. Mas não hoje. Pousou na secretária uma folha de papel de carta que arranajara a caminho de casa e, com o queixo apoiado nas mãos, embrenhou-se a fundo nos pensamentos. Girou incessantemente a caneta na mão antes de esta tombar no tampo da secretária.

— E passemos ao segmento seguinte: *Histórias dos Ouvintes*.

Serin nunca fora um grande talento na escrita. Escrevera diversas vezes para o programa, mas nunca havia sido selecionada. Com a esperança a ceder repetidamente à decepção, aceitou que mais valia desistir.

O programa prosseguiu, e, decorrido algum tempo, Serin sentou-se muito direita. Tinha de fazer isso.

A data assinalada no calendário da secretária indicou-lhe que na semana seguinte começavam os exames. Mas poderia só pensar neles no dia seguinte. Naquele momento, tinha de se concentrar em escrever a carta. Serin olhou do bloco para o papel de carta e passou revista às memórias.

É suposto ser honesta, certo?

Pegando na caneta, Serin começou a escrever — que vivia com a mãe, apenas as duas, como já eram pobres antes de a antiga casa delas arder, obrigando-as a mudar-se para um apartamento numa subcave com escassa luz solar. Que não tinha dinheiro para o uniforme da escola e que usava roupa em segunda mão. Que a irmã mais nova, Yerin, fugira de casa no ano anterior, encontrando-se em parte incerta.

Não a preocupou se a carta era confusa ou o vocabulário pobre. Escreveu tudo, mesmo o que sentia vergonha de abordar.

— Obrigado por ter partilhado a sua comovente história. Não terá sido fácil. O meu conselho é que pare de se culpar, pois suportou mais do que qualquer outra pessoa.

Enquanto o rádio prosseguia a emissão, Serin verteu o que lhe ia na alma. Quando olhou em redor, já quase amanhecera. Dobrou a carta, enfiou-a num envelope e estendeu-se no chão sobre uma velha manta esfarrapada.

A mãe dormia enroscada ao seu lado. Serin nem dera por ela entrar. Devia ter chegado a casa a meio da noite depois do turno no restaurante, deitando-se discretamente por pensar que Serin estava a estudar.

Mantendo os auscultadores, Serin levou o rádio para o chão. Passava a sua música preferida: «Um amanhã melhor do que hoje». Trauteara tantas vezes o tema que bastava ouvir as primeiras notas para pronunciar as palavras.

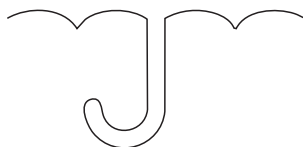
«Pode parecer que chove, mas não esqueças que por trás de nuvens negras brilha sempre o sol...»

Até que Serin fechou os olhos.

Pode ter-se devido à suave melodia ou apenas porque se sentia cansada, mas assim que pousou a cabeça na almofada adormeceu profundamente.

▪ Capítulo 2 ▪

A ESTRANHA CARTA



Ela não alimentara grandes expetativas.

Serin sabia que quanto maior a esperança, maior a queda. Não desesperava por ir ao Mercado da Chuva. Era mais um sonho, uma esperança vaga de que poderia escapar à sua vida miserável.

Ou, quiçá, quisesse confirmar apenas que os rumores eram verdadeiros.

Oh, bem, eu sou mesmo assim.

Já lá iam quase dois meses. As notas tinham baixado um pouco por causa dos exames, mas Serin não se importou. De qualquer modo, não tinha como poupar para a universidade. E apesar de a mãe não o dizer abertamente, deveria achar que mais valia Serin começar em breve a trabalhar para poder ajudar nas despesas.

Depois das aulas, os outros estudantes iam para centros de estudos caros inseridos em pequenos grupos. Serin era a única que seguia para casa. Até ficava na direção oposta.

O seu passo abrandou, e suspirou ao olhar para os degraus intermináveis que subiam a encosta. Eram tão íngremes que até jovens saudáveis como ela precisavam de ter cuidado quando chovia ou nevava, e no verão não alcançava o topo sem se encharcar em suor. Odiava os degraus tanto quanto odiava sentar-se entediada na escola.

Ofegante, alcançou por fim o planalto esculpido na colina, que se encontrava quase ao nível do topo dos arranha-céus de condomínios ao longe. Era a entrada do seu bairro, composto basicamente por casas cinzentas amontoadas em filas, separadas por vielas onde mal cabia

uma pessoa sequer. Por haver tantos telhados a pingar, encontravam-se cobertos com lonas cor de laranja seguras por coleções heterogêneas de pneus e telhas velhas. Mantinham as lonas presas, com sorte até face a ventos fortes e tufões.

— Ei, é a minha vez!

À tarde, as vielas encontravam-se desertas, exceto pelas crianças demasiado pequenas para irem à escola. Um grupo de rapazinhos cujas camisolas pouco cobriam formaram um monte de areia e espetaram lá um galho, e à vez iam retirando areia do montículo. Logo a seguir, viram um velhote a empurrar um carrinho cheio de tralhas e foram a correr ter com ele, não limpando sequer o ranho do nariz. Um deles tropeçou e caiu, desfazendo-se em lágrimas.

— Tenham cuidado, rapazes! — avisou o velhote, envergando calções e um colete de verão. Sorriu ao abraçar as crianças entusiasmadas. Com carinho, tratou-as por «traquinas» e pediu-lhes que saíssem da frente. Os traquinas amontoaram-se na parte de trás do carrinho para o ajudar a subir a colina — apesar de, provavelmente, pouca diferença fazerem.

Serin deu passagem ao carrinho antes de aceder à viela.



— Miaaaaaau!

Assim que pôs um pé na viela ouviu um som piedoso.

Serin olhou em volta e deu com um par de olhos numa miniabertura entre as casas. Lentamente, aproximou-se da pequena criatura e ajoelhou-se.

— Olá. Tens fome?

Como se respondesse, o gato voltou a miar.

Serin vasculhou os bolsos. Há muito que esgotara os trocos, mas poderia ter qualquer coisa — e, felizmente, os seus dedos deram com um punhado de moedas.

Isto dará para comprar alguma coisa?, questionou-se, olhando das moedas para o gato e de novo para as moedas. Levantou-se para ir à loja da esquina.



A loja da esquina era um lugar minúsculo e o refúgio preferido dos idosos das redondezas. A placa azul indicava *Supermercado*, mas faltavam-lhe tantas letras que mal se podia considerar uma tabuleta. Até o autocollante a anunciar *Tabaco* há muito que desbotara.

A idosa que geria a loja nem sequer estava ao balcão. Encontrava-se, isso sim, no estrado à porta do edifício com um grupo de amigos ocupados a jogar *Ir-Stop**. Mas ela nem jogava. Limitava-se a comentar os lances da velhota ao lado, indicando a carta a lançar e ocasionalmente pegando num pedaço de melão coreano. Só se levantou quando viu Serin.

— O que vai ser, querida? — perguntou, puxando a cinta elástica das calças até ao peito.

— Tem alguma coisa que um gato possa comer?

— Um gatinho?

— Exato.

— E é um gato de rua ou doméstico?

— De rua — respondeu Serin, segurando uma salsicha de peixe esguia.

A idosa fez um som de desaprovação.

— Não lhe podes dar um velho petisco humano. Espera um minuto. — Foi ao interior, pegou nuns pedaços de melão, retirou as sementes e guardou o melão num saco de plástico preto. — Experimenta isto, querida. É melhor do que o que sai das fábricas.

Serin sorriu pela primeira vez ao fim do que lhe pareceu uma eternidade.

— Obrigada, minha senhora!

Fazendo repetidas vénias, Serin saiu a correr da loja. A velhota sorriu-lhe e depois regressou ao estrado para jogar mais *Ir-Stop* de sofá.



* Popular jogo de cartas sul-coreano cujo objetivo é retirar cartas do centro para formar combinações e somar pontos. Conhecido por *Goseutop*, joga-se com um baralho de quarenta e oito cartas de flores. (*N. do T.*)

Apesar de avançar o mais depressa possível, Serin estava preocupada. E se o gato tivesse desaparecido na sua ausência?

Felizmente, o gato continuava no seu pequeno esconderijo, mas miava ainda mais alto na direção dela. Serin mostrou-lhe o saco de plástico e abriu-o para que o bicho pudesse farejar. As orelhas tremelicaram a cada rumorejo do saco. Ela queria aproximar-se do animal para lhe dar a comer da mão, mas sem assustar o pobrezinho. Assim, recuou uma série de passos, agachou-se e mostrou um pedaço de melão entre os dedos.

Por momentos, o gato olhou desconfiado, estendendo, hesitante, uma pata, que recuou de imediato, para depois a estender e retirar de novo. Por fim arriscou até a ponta da cauda surgir à luz. Pegou no melão com a boca e recuou a correr para o interior.

Serin reparou que, apesar de se tratar de um felino magricela, tinha uma barriga estranhamente bojuda.

Oh, é uma gata prenha.

Serin olhou para a escuridão e depositou o saco de plástico na pequena abertura entre as casas. Não queria que a gata adoecesse a ingerir comida estragada encontrada no lixo. Se pudesse, levava-a para casa e ficava com ela. Mas a mãe não permitiria. Recusava tudo o que se revelasse uma despesa, por mínima que fosse.

— Espero que tenhas gatinhos saudáveis — desejou Serin, seguindo caminho.



Serin e a mãe residiam num velho prédio de apartamentos que fora ainda dividido em pequenas frações. Estampado em grandes letras na parede via-se um anúncio à demolição do edifício, a par de mexericos rabiscados a *spray* sobre quem namorava com quem e quem procurava namorada.

Nada daquilo era novidade. Ao contrário do envelope vermelho-vivo na caixa do correio. Serin estacou, pois era raro alguém escrever-lhe.

Por momentos, questionou-se se seria outro aviso de coleta de dívida que deveria ignorar, mas recordou então que era melhor não deixar que alguém visse, e retirou o envelope da caixa.

Não se tratava de um aviso de dívida.

O sobrescrito apresentava-se coberto de símbolos estranhos. Então, o seu olhar foi atraído pelo selo dourado, que encaixaria bem em qualquer palácio europeu.

De: MERCADO DA CHUVA

Serin leu outra vez o destinatário. A carta estava endereçada ao seu apartamento. Ao seu nome. Num misto de confusão e entusiasmo, desceu os degraus a correr. O coração batia-lhe mais forte e mais depressa do que acharia possível.

Sem sequer se descalçar à porta, rasgou a aba do envelope e o selo, de uma beleza quase impossível.

Numa letra elegante e sinuosa, lia-se a mensagem:

Estimada Menina Kim Serin,

Obrigado por nos enviar a sua história,

Sinceridade e confiança são os pilares sobre os quais assenta o Mercado da Chuva, e todos os anos defendemos a tradição, que nos enche de orgulho, de facultar aos clientes apenas o melhor dos serviços.

Sem mais delongas, daqui, do Mercado da Chuva, temos o prazer de lhe fazer uma oferta exclusiva a troco da sua história.

Estaria interessada em vender-nos o seu infortúnio?

No Mercado da Chuva, terá a oportunidade de trocar o seu infortúnio por uma história mais feliz do nosso depósito.

Caso aceite o convite, no primeiro dia da estação das chuvas traga por favor o Bilhete anexo ao endereço assinalado no envelope. Dependendo da extensão da estação das chuvas deste ano, a sua estada entre nós pode estender-se até duas semanas.

Dado que a satisfação e o conforto dos clientes são as nossas principais prioridades, a sua estada e a alimentação serão assumidas pelo Mercado da Chuva.

Esperamos recebê-la em breve.

(Tenha em conta, por favor, que não assumimos responsabilidades por eventuais problemas que possam ocorrer no Mercado da Chuva.)

Serin levou a mão à boca, contendo um guincho. Ali estava, no envelope, o Bilhete referido na missiva. Era pequeno e ostentava um dourado semelhante ao do requintado selo.

Espera, o livro refere que o Bilhete era dourado? Serin tentou recordar o que lera, mas não prestara muita atenção a essa parte. *Oh, não interessa,* pensou, e olhou de novo para a carta.

Não alimentara grandes esperanças, e agora que tinha o Bilhete nas mãos nem conseguia acreditar. Quis beliscar-se, só para ter a certeza de que não era um sonho, mas sabia que serviria apenas para deixar uma marca vermelha feia.

Mas algo a incomodara. A derradeira frase da carta.

Porque não assumem a responsabilidade por um eventual problema?

Ouvira em tempos que a polícia prendera um gangue que seduzia as pessoas com promessas de trabalho, apenas para depois vender os órgãos delas no mercado negro. E o jornal amarelecido que ela e a mãe usaram como papel de parede destacava um artigo sobre um homem que fora mantido como escravo numa aldeia insular, tendo sido resgatado anos depois de capturado.

Serin andou de um lado para o outro na divisão, roendo a unha do polegar, e remexeu-se de todas as maneiras possíveis. Mas não conseguia decidir-se.

Proferindo em voz alta todas as razões para ir ou não ir, finalmente, gritou:

— Bem, porque não? O livro dizia que era real!

O Bilhete estava ligeiramente amarrotado na sua mão. Serin saltou e correu para a estante de livros maltratada no outro lado da divisão, pegou no maior livro que encontrou e enfiou o Bilhete entre as páginas. Não se dando por satisfeita, pousou o livro e pôs-lhe em cima os manuais escolares.

E se eu puder realmente mudar a minha vida?

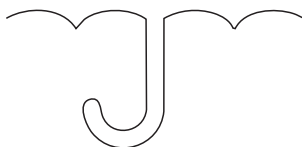
Avançou até à abertura que mal se podia considerar uma janela. A lasca de céu era do tamanho da sua mão, mas tratava-se de um azul belo e límpido.

Quando virá a chuva?

Ainda estava um tempo primaveril, sem uma nuvem no céu. A estação das chuvas parecia a uma eternidade de distância.

▪ Capítulo 3 ▪

A ONDA DE CALOR



— Ora, se não é a Serin! Aonde vais tu agora? — questionou uma senhora com caracóis tão cerrados que teriam sido acabados de fazer. A mulher iria a meio da casa dos quarenta anos e envergava uma *T-shirt* púrpura suficientemente justa para que todos em redor sentissem o calor estival.

— Aulas de *tae kwon do* — respondeu Serin, sem sequer disfarçar a irritação.

Sem querer saber, a mulher sacudiu a mão como um leque para se refrescar enquanto se aproximava de Serin, passando os dedos da outra mão pelos novos caracóis.

— Oh, querida, mais te valia estudares! E as raparigas não deviam perder tempo com algo tão aborrecido — cantarolou de forma irritante enquanto mudava o saco das compras de um ombro para o outro. — Já sabes o que se diz, mais vale uma rapariga ater-se aos livros até arranjar um bom casamento. Querida, já sofreste o suficiente.

— Muito bem. Agora tenho de ir, minha senhora — respondeu Serin num tom seco, e afastou-se bruscamente. A mulher parecia ter algo mais a dizer, e fez um som de desaprovação quando a sua presa se escapou.

Três vezes nessa semana, Serin participou em aulas de *tae kwon do* depois da escola. Era a sua única atividade extracurricular. As aulas já de si eram baratas por serem financiadas pelo Estado, mas Serin vivia numa situação financeira tão precária que estava isenta até de pagar as taxas com desconto.

Apesar de ter corrido o mais depressa possível até ao dojo, já todos deveriam estar a postos, pois ouvia os gritos para lá da porta.

— Outra vez atrasada, Kim Serin. Mantém-te assim e podes ter de fazer exercícios extra — provocou o mestre, que ainda era novo.

Serin mostrou uma expressão apologetica.

— Desculpe, senhor — disse ela, coçando a cabeça. Depois, correu tão depressa para os balneários que o seu cabelo se estendeu no ar atrás dela. Vestiu o uniforme.

Porém, um segundo antes de sair, espreitou para o espelho. Com o uniforme de um branco puro, quase pareceu corajosa. Completamente diferente de quando envergava as vestes escolares usadas, que lhe assentavam mal.

Mal apertou com força o cinto sobre a parte superior do fato e largou as pontas, sorriu. Ainda era apenas cinturão vermelho, mas assim que passasse o exame, acrescentaria uma faixa negra, o que era praticamente como ter um cinturão negro.

Ajustando uma vez mais o uniforme, Serin acedeu ao piso do dojo a tempo de ouvir o mestre elencar os exercícios do dia.

— Tal como disse na semana passada, hoje vamos partir tábuas verdadeiras. Mas não se assustem, pois usaremos pinho, já que se trata apenas de um treino.

Serin engoliu em seco. Ansiava há uma eternidade por aquele exercício.

Há muito tempo, assistira por acaso a uma demonstração de *tae kwon do* na televisão, com pessoas a fazer piruetas enquanto partiam tábuas. Ao perceber que alguns dos praticantes eram mulheres, Serin sentiu o coração aos pulos. Foi como uma onda enorme a erguer-se das entranhas, e ela simplesmente precisava de saber mais. Não hesitou quando soube que havia no seu bairro aulas de *tae kwon do* a um preço irrisório em horário pós-escolar. Revelou-se um dos raros momentos de felicidade da sua vida.

O mestre fez uma demonstração de como partir a tábua, seguido por alguns dos rapazes.

— Partir a tábua não tem que ver com força — declarou o mestre.

— O mais importante é acreditarmos em nós.

Dissera tantas vezes o mesmo sobre treinar a mente previamente ao corpo que Serin até se cansara. Mas o seu olhar incidiu num dos rapazes que fazia a demonstração, e corou intensamente. Havia meses que gostava dele. Com um sonoro grito, o rapaz executou múltiplos pontapés à retaguarda e partiu uma tábua atrás de outra. Serin aplaudiu a par dos outros até lhe doerem as palmas das mãos.

A seguir, avançaram um a um para tentarem os pontapés. Ninguém se revelou perfeito, mas todos partiram as respetivas tábuas, fendidas para facilitar a vida aos alunos.

Finalmente, chegou a vez de Serin.

Serei capaz de fazer isto?

O rapaz atraente que fizera a demonstração magnífica segurou a tábua ao nível da cabeça de Serin. Ele anuiu-lhe ao de leve. Ela inspirou fundo e preparou-se para o seu melhor passo: o pontapé rotativo à retaguarda.

Todos os olhos incidiram nela.

Engolindo audivelmente em seco, Serin girou. Mas sentia-se tão nervosa que o seu pé cortou apenas o ar. À segunda tentativa, voltou a falhar a tábua e pontapeou a mão do rapaz, e, piorando tudo, caiu de costas.

Toda a gente se desatou a rir.

— Então? Todos falham — frisou o mestre, tentando acalmá-los, mas de nada valeu, pois não pararam de se rir. Serin passou o resto da aula de olhos no chão, mal conseguindo anuir quando chegou ao fim, correndo com o seu saco.



Apesar de já começar a anoitecer, o dia permanecia luminoso como a tarde.

— Serin, és uma perfeita idiota — resmoneou, pontapeando seixos e dentes-de-leão inocentes. — Com esse teu cérebro, mais pareces um pepino-do-mar ou um ouriço-do-mar. Porque nunca fazes nada de jeito?

O *tae kwon do* era a única coisa pela qual Serin ansiava. A única com a qual se atrevia a sonhar. Ajudava-a a suportar as horas de solidão na escola e mantinha-a desperta ao imaginar-se, entusiasmada, a partir tábuas em provas internacionais.

Pontapeou uma lata, que traçou um arco no ar e desapareceu ao longe. Desejando ter pontapeado tão bem a tábua, Serin ergueu o olhar e deu por si na viela à porta do seu prédio.

Hoje, junto à passagem, viu ainda mais tabuletas onde se lia *SOMOS CONTRA A DEMOLIÇÃO*. Estava prevista uma remodelação no bairro, o que implicava a saída dos inquilinos, mas as pessoas que ali viviam, como Serin e a mãe, não tinham dinheiro para pagar uma nova casa. Como tal, os planos de demolição iam sendo adiados.

Recentemente, alguns dos vizinhos tinham organizado uma manifestação, e quando os meios de comunicação social apareceram com câmaras, os moradores surgiram com as cabeças rapadas como forma de protesto. A ideia de poder ser expulsa em breve do seu próprio lar levou Serin a caminhar com uma passada ainda mais pesada.

Ouviu um barulho forte. Quanto mais se abeirou do prédio, mais o ruído se intensificou. Alguém falava através de um megafone, e as pessoas entoavam cânticos, entrecortados aqui e ali por algum palavrão. Mais uma ação de protesto, e não era longe de casa.

Havia dois grupos na manifestação: um lado com faixas vermelhas na cabeça em que se lia *SALVEM AS NOSSAS CASAS*, e o outro envergando roupa e chapéus pretos com logótipos a combinar. Os dois lados apontavam o dedo um ao outro, gritando, praguejando e ameaçando investir. Serin já assistira àquilo, mas nunca de forma tão intensa.

Pouco depois, ouviu sirenes dos carros da polícia a chegar. Sem querer envolver-se, esgueirou-se para o seu apartamento.



Hoje deu com a mãe a usar óculos de leitura enquanto costurava.

— Bem-vinda a casa, Serin. Deves estar com fome.

Ao canto da sala, na mesa, via-se uma tigela de arroz com alguns acompanhamentos. Mas Serin fingiu não ver.

— Não me apetece comer — suspirou, largando o saco como se fosse um fardo.

— Estás outra vez metida numa daquelas dietas?

— Nada disso. Quero dormir.

Sem mudar sequer de roupa, deixou-se afundar pesadamente nas mantas estendidas no chão.

— Aconteceu alguma coisa, querida?

Serin não abriu a boca. A curiosidade da mãe seria relativa, pois depressa retomou a costura. Não demorou a pousar uma meia remendada e a pegar na gêmea esburacada.

— Mãe — disse Serin, interrompendo o silêncio. — Lembras-te da senhora desagradável que vivia no outro lado da rua? Ela...

— Serin, respeita os mais velhos.

— Mas ela *é* desagradável — frisou. — Diz que devia deixar o *tae kwon do*, que não serve para nada. Também achas?

— Serin, não há nada neste mundo que seja inútil — respondeu a mãe. — Um dia ser-te-á útil.

— Achas que devia desistir e dedicar mais tempo aos estudos? No que sou boa, mãe?

— Se te empenhares, és capaz de fazer tudo — respondeu a mãe, que, aparentemente distraída com a conversa, sentia dificuldade em enfiar a linha na agulha.

Serin rodou sob os cobertores, amuada.

— Aposto que nem queres saber. E podes deitar fora essas coisas velhas? Já ninguém *remenda* a roupa. Até parece que não podemos comprar *meias* novas.

— Isso não significa que o devamos fazer.

A mãe era sempre assim. Serin gostaria que não fosse tão teimosa. Aquela meia esburacada fazia-a lembrar a mãe. Velha, esfarrapada e miserável. Adoraria arrancar-lha das mãos e deitá-la ao lixo. Por momentos, Serin fingiu que dormia, mas depois levantou-se e retirou da estante um livro grosso.

— Diz-me uma coisa, mãe — começou, fazendo uma pausa para dar mais dramatismo. — Que tipo de vida quererias se pudesses nascer de novo?

— Que conversa é essa? — questionou a mãe, perplexa, ainda com as mãos ocupadas.

Serin suspirou.

— Esquece — reagiu, e abriu o livro de modo que a mãe não visse o interior. Folheou-o até parar no mesmo ponto da última vez.

Baixou o olhar para a derradeira esperança, um Bilhete para um futuro em que ninguém acreditaria.

O Bilhete ainda brilhava intensamente entre as páginas.